

INFÂNCIA *DF - Brasília*

Mais de 80 jovens moram na Rodoviária. Carregam a mesma história de pobreza, desagregação familiar, violência e passagem por abrigos. Drogados, vivem de pedir trocados nos cinco semáforos da região

Entre as drogas e a mendicância

EDMA CRISTINA DE GÓIS
DA EQUIPE DO CORREIO

FILHOS DA RUA

Fotos: Paulo H. Carvalho/CB



A CÉU ABERTO

A poucos metros da sede dos três poderes da República, que deveriam garantir os direitos de todos os cidadãos, vivem jovens em completo abandono



ABORDAGEM

Desinibidos pela droga, abordam os carros no sinal vermelho



SEM VOLTA

A rua lhes dá liberdade. E eles não têm para onde voltar

O cenário diante do Congresso Nacional é acidentado. Adolescentes e crianças se amontoam nas proximidades da Rodoviária do Plano Piloto. Durante todo o dia, Brasília assiste a uma das suas maiores contradições: a pobreza a céu aberto, diante dos três poderes que deveriam trabalhar a serviço da garantia dos direitos de todos os cidadãos. De acordo com o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, mais de 80 jovens vivem hoje na Rodoviária. Pela manhã, os adolescentes pedintes parecem imperceptíveis, porque se dividem entre os cinco semáforos da região. Por volta das 17h, é possível ver as primeiras formações de grupos. O frio bate e eles fazem fogueiras improvisadas no gramado em frente ao Conic.

A maioria dos jovens carrega a mesma história de pobreza, desestruturação familiar, violência e passagem por abrigos provisórios de atendimento a crianças e adolescentes. Usuários de drogas, têm dificuldade de articular as palavras. Por isso são arredios e é difícil conseguir falar com eles. João*, 12 anos, está há pelo menos quatro anos na Rodoviária. Não sabe o ano exato em que chegou lá. Mas não esquece que aos 8 anos, quando já perambulava pelo lugar, um ônibus passou em cima do seu pé direito. As cicatrizes do atropelamento e da vida de exclusão são indissociáveis. João não está sozinho, porque tem a companhia do irmão de 18 anos e dos amigos que conheceu na rua. Ele é pedinte em um dos semáforos nas proximidades da Rodoviária. "Já me levaram para um abrigo, mas eu fugi. Aqui eu consigo fazer o que eu quiser", explica com a voz embargada. O menino conta que morou com a avó em Planaltina de Goiás e estudou até a 3ª série. Não fala do pai nem da mãe. Diz que não brinca, não quer voltar a estudar nem ter uma casa novamente.

Às 19h, João e os outros meninos descem do gramado e invadem os sinais. Não estão sóbrios e por isso também não se intimidam em bater nos vidros dos carros enquanto pedem algum trocado. Eles escondem os litros com cola de sapateiro por debaixo da blusa ou do coberter, mas quando o sinal verde aparece, cheiram o produto sem constrangimento. Alguns vivem em companhia de crianças bem pequenas. Se o semáforo está vermelho, eles correm de uma ponta a outra das avenidas, provocando medo nos motoristas que precisam fazer aquele trajeto. A dentista A.M., 29, diz que

só pára nos semáforos próximos à Rodoviária porque não quer ser multada pelos radares de trânsito. "O único jeito é mudar o caminho, mas nem sempre isso é possível", explicou, com uma pequena brecha do vidro do carro aberta.

O taxista V.S., 32, há 5 anos trabalhando na Rodoviária, também não esconde o cuidado

extra. Ele espera os clientes de vidros fechados e afirma que o local é ponto de tráfico de drogas. "Esses meninos não pedem dinheiro para sobreviver. Pedem para comprar drogas e se matar", afirmou. O motorista pediu para não ser identificado porque teme ser reconhecido. Segundo ele, há um "pacto velado no território". Os taxistas não denun-

ciam nem repreendem os meninos, enquanto estes respeitam quem trabalha no local. Outro dia, o taxista viu dois jovens agredindo um travesti, mas não pôde fazer nada. "Não tem policiamento aqui. Eles (policiais) passam rapidamente e quando chegam, normalmente, o tumulto já terminou", revelou.

A coordenadora do projeto

"Giração", do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, Eliana Barros, afirma que 100% dos jovens do lugar são usuários de drogas, falam com dificuldades sobre família e expectativas, e muitos nunca tiveram casa. "Eles são filhos de filhas da rua. Eles não têm para onde voltar", avalia. O projeto tenta reintegrar jovens e crianças às

suas famílias, tirando-os das ruas.

A secretária de Ação Social do Governo do Distrito Federal, Eliana Pedrosa, reconhece que a situação da Rodoviária é crítica, mas afirma que as soluções não podem surgir a curto prazo. Há duas semanas, agentes do GDF começaram um projeto-piloto na estação de ônibus para ganhar a confiança dos adolescentes e entender por que estão na rua. "Mas não é um trabalho rápido. Se o jovem tem um vínculo familiar, tentaremos recuperá-lo.", explicou. A partir de 1º de setembro, a Rodoviária terá uma equipe fixa para abordar os jovens pedintes. A secretária ainda não tem um diagnóstico da situação da Rodoviária, mas pretende lançar uma campanha contra a compra de produtos e doação de dinheiro a adolescentes e crianças que ficam nos semáforos.

Pai baiano

Os personagens da Rodoviária carregam uma estranha solidariedade entre si. Ismael dos Santos, 45, chegou ao local há cinco meses, vindo de Mossoró (RN). "Eles me chamam de 'o pai baiano', porque sou negro e divido o que como com todos", conta, referindo-se aos jovens moradores da rua como ele. A hora do descanso acontece próximo a um ponto de ônibus na W3 Sul. "Mas tem de ser escondidinho, pra ninguém bater ou tocar fogo na gente", acrescenta. Santos conta que alguns dos meninos da Rodoviária dormem nesse lugar. Chegam de madrugada e se acomodam de qualquer jeito. É difícil arrecadarem dinheiro porque os motoristas temem a violência e vêem facilmente que estão drogados. "Eles nem entendem porque estão aqui. Alguns eu nunca vi sóbrios", disse.

Júlio César Ferreira, 32, está há 20 anos num dos semáforos da Rodoviária. Diz que viu crescer a pobreza ao redor da área e a chegada de novos pedintes. "Esses meninos me conhecem e se alguém vier mexer comigo, me defendem", afirmou. Ferreira tem um passado semelhante ao deles. Começou a trabalhar como engraxate na infância, forçado pelo padrasto, que maltratava a ele e seus irmãos, deixou os estudos na 4ª série e depois passou a usar drogas. Só se regenerou depois de ser baleado num assalto e ficar paraplégico. A rua continua sendo seu local de trabalho, porque sobrevive como pedinte. Antes das 20h, ele pega o ônibus para Planaltina. Só dorme no lugar quando fica tarde. "É perigoso atravessar onde eu moro, por isso me cubro e durmo aqui".

* NOME FICTÍCIO EM RESPEITO AO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE.